

O ECLETISMO HISTORICISTA EM PELOTAS: 1870-1931

Carlos Alberto Ávila Santos

Resumo: Este artigo trata do ecletismo historicista que se desenvolveu na arquitetura pelotense entre as datas de 1870 e 1931. Aborda o conceito do termo eclético e suas origens; as peculiaridades do ecletismo da *belle époque*; as rivalidades existentes entre as tendências arquitetônicas no período. Comenta sobre o traslado dessa estética para o Brasil e para Pelotas. Identifica dois momentos distintos do ecletismo historicista nas edificações pelotenses e discorre sobre os exemplares construídos.

Palavras-chave: arquitetura; ecletismo historicista; urbanismo.

Introdução:

No ano de 1997, defendi, no curso de mestrado em Teoria, Crítica e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a dissertação intitulada “Espelhos, máscaras e vitrines: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas – Pelotas, 1870-1930”. Em 2007, no curso de doutorado, na área de Conservação e Restauro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, apresentei a tese “Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931”. Este texto reúne informações resultantes destes dois trabalhos, como também de pesquisas realizadas entre os anos de 2007 e 2010 com alunos dos cursos de Artes e Design do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, que investigaram os elementos funcionais e ornamentais da arquitetura eclética pelotense: ferragens, estuques, estatuária, portas e para-ventos, agregados às caixas murais dos edifícios.

O ecletismo historicista:

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, o termo “eclético” significa:

“(…) 1. adjetivo que indica a seleção do que parece melhor em várias doutrinas, métodos ou estilos. 2. composto de elementos colhidos em diferentes fontes. 3. substantivo masculino que identifica o praticante de um método, doutrina ou estilo eclético”.

Etimologicamente, o termo originou-se da palavra grega “*eklektikós*”, que corresponde “(…) *ao que escolhe ou, que está apto a escolher*”. Na filosofia grega, “*eklektikós*” definia os filósofos que absorviam os melhores ensinamentos de escolas conflitantes. Segundo o dicionário citado, na França, o termo “*éclectique*” data do ano de 1732 e indicava a “(…) *denominação de alguns filósofos antigos*”. Um século depois, em 1832, a palavra ganhou maior abrangência e passou a determinar aqueles que “(…) *não eram exclusivos em seus gostos*” e, decorreu na designação de um novo estilo arquitetônico.¹

¹ SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, 2007. p. 16.

Na Europa e, sobretudo, na França, na segunda metade do século XIX duas correntes antagônicas se digladiavam na área da produção arquitetônica: a racionalista e a eclética.² As duas estéticas se utilizavam dos novos materiais e técnicas construtivas advindos da industrialização, como os elementos pré-fabricados em série moldados em ferro, conjugados com o vidro e, logo em seguida, o cimento armado. Porém, a primeira valorizava a função que os edifícios deveriam cumprir, dando maior importância aos espaços interiores dos prédios, à organização das plantas das construções, eliminando as ornamentações supérfluas, interiores ou exteriores. A segunda, o ecletismo arquitetônico, cujos arquitetos foram denominados pejorativamente como “decoradores”, posto que davam grande valor às caixas murais dos prédios através de ornamentações e empregavam diferentes elementos/fragmentos da arquitetura do passado, de culturas próximas ou longínquas, para compor suas fachadas.



Figura 1: Na imagem à esquerda, 1: Vista exterior da Biblioteca Santa Genoveva. **Fonte:** Foto do autor, 2011. Na imagem à direita, 2: Biblioteca Santa Genoveva, o salão de leitura. **Fonte:** LOYER, François. *Le siècle de l'industrie: 1789-1914*. Paris: Skira, 1983. p. 144.

Dessas duas correntes rivais na arquitetura da época, são exemplos em Paris: o edifício racionalista da Biblioteca Nacional, construído por Henri Labrouste em 1868, com amplo salão de leitura coberto com abóbada de berço de ferro, agregada à caixa mural de alvenaria (Figura 1); e a construção eclética da Ópera Charles Garnier, erguida pelo arquiteto que lhe deu o nome entre os anos de 1861 e 1874, cuja fachada é composta por arcada romana, colunas com capitéis gregos, frontões cimbrados maneiristas, arrematada por cúpula em ferro e aço na forma de uma coroa que homenageia o segundo Império francês, cujo frontispício é ornamentado com esculturas de ferro fundido pintadas em dourado, representando ninfas e musas alusivas à música e à dança, que apresentam grande movimentação e teatralidade barrocas. (Figura 2)

Na obra “*Comprendre l'eclectisme*”, Jean-Pierre Épron mostrou que os arquitetos ecléticos tinham consciência de estarem realizando uma arquitetura de transição entre o período histórico anterior à industrialização e o pós-industrial, e não hesitaram em utilizar em seus projetos e obras os materiais produzidos nas modernas fábricas – como os elementos de ferro pré-fabricados que passaram a compor os “esqueletos” dos edifícios. Também se

² ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 85.

inspiraram nas soluções construtivas do passado, que contribuíram para o equilíbrio, a estabilidade e a durabilidade dos prédios – o emprego de colunatas das ordens da Antiguidade clássica, os arcos romanos, as cúpulas sobre pendentes bizantinas, as abóbadas românicas, as cúpulas romanas ou renascentistas – justapondo e integrando elementos heterogêneos articulados em uma totalidade arquitetônica.³



Figura 2: Nas três imagens: O edifício da Ópera Charles Garnier e seus ornamentos escultóricos. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.

Épron também salientou a abertura dos arquitetos ecléticos para o debate em torno dos projetos criados, que incluíam o estudo e a interpretação dos tratados de arquitetura. Debates eram realizados no interior das academias, escolas e ateliês, e os alunos eram premiados com viagens de estudos, como o *Prix de Rome*, que garantia aos vencedores estágios de pesquisas na capital italiana. Nesses seminários, revelavam-se variadas tendências e se confrontavam e competiam as posturas antagônicas de mestres e discípulos sobre a técnica, a forma e o significado dos edifícios. Na busca por definir seu espaço de atuação entre engenheiros, arqueólogos e políticos, os arquitetos ecléticos deram ênfase aos projetos e à crítica arquitetônica, desenvolvida por meio de um sistema complexo que articulava o debate profissional e político com o debate social, manifestados nos concursos de arquitetura, nos salões e exposições, nas revistas especializadas da área.

Em todas essas instâncias, os projetos eram apresentados detalhadamente, e continham documentos que deveriam servir como referência comum aos diferentes operários empregados nas execuções das obras. Ao lado do desenho das perspectivas e das plantas dos edifícios, os projetos assinalavam as várias etapas das construções, o modo de edificar, de medir e prever o transporte de todos os materiais utilizados, os cálculos das horas necessárias para a conclusão das obras e do valor das mesmas.⁴

Em Paris, a Ópera Charles Garnier, a antiga estação D’Orsay, o Grand Palais, o Petit Palais e a ponte Alexandre III (Figura 3) homenagearam a modernização e a modernidade e concluíram as reformas sofridas pela cidade durante a administração do prefeito e arquiteto Barão Georges Eugène Haussmann. A capital francesa foi a primeira metrópole a ter seu espaço urbano reconstruído segundo a ideologia moderna e burguesa, efetuada entre

³ ÉPRON, Jean-Pierre. **Comprendre l’eclectisme**. Paris: Édition Norma, 1997. pp. 17 a 21.

⁴ Ibid. pp. 98 e 99.

os anos de 1853 e 1882. Os grandes eixos viários criados, pavimentados e arborizados, permitiram a circulação rápida de carros e pedestres, facilitaram a comunicação da população entre os bairros periféricos e o centro da cidade, entre as estações de trem e as áreas de comércio, implicaram na construção de uma quantidade de edifícios com duas funções – comercial e residencial – em estilo eclético. O projeto de Haussmann incluiu a construção de pontes sobre o rio Senna, também permitiu o fácil deslocamento e movimentação de tropas e canhões, utilizados para dissipar possíveis insurreições dos habitantes – as barricadas.⁵



Figura 3: Na imagem superior à esquerda, 1: A antiga estação D’Orsay. **Fonte:** Acervo do autor. Na imagem superior à direita, 2: O Petit Palais. Na imagem inferior à esquerda, 3: O Grand Palais. Na imagem inferior à direita, 4: A ponte Alexandre III. **Fonte:** Fotos do autor, 2011.

Desta forma, o estilo arquitetônico eclético foi contemporâneo do urbanismo, ciência que abarcou medidas sanitárias com o objetivo de qualificar a vida nas cidades. As reformas dos centros urbanos buscaram afastar a insalubridade das metrópoles industrializadas. Por um lado, a extinção de bairros e becos infectados, a criação de boulevares e de um conjunto de praças e de parques possibilitaram a insolação e aeração dos espaços públicos e contribuíram para a purificação do ar poluído pelas chaminés das fábricas. De outro lado, a construção das novas redes de canalização de água potável e de esgotos, acompanhadas da limpeza das ruas, das fiscalizações e interferências de técnicos da área de higiene buscavam extinguir os surtos epidêmicos, colaborando para com a saúde das populações citadinas.

⁵ SANTOS. Op. cit. pp. 13 a 17.

A reforma urbana de Paris tornou-se modelo para outras metrópoles europeias, como, Viena, Bruxelas, Londres e Barcelona. Foi também copiada pelos centros urbanos dos países periféricos, como o Brasil, como é exemplo o “Bota Abaixo” do prefeito e arquiteto Francisco Pereira Passos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1902 e 1906, que se desdobrou nas construções ecléticas do Teatro Municipal (1909), cujo projeto do engenheiro Francisco de Oliveira Passos e do francês Albert Guilbert foi inspirado na Ópera Charles Garnier; a Escola e Museu Nacional de Belas Artes (1908), erguida pelo arquiteto de origem espanhola Adolpho Morales de los Rios, que buscou inspiração no Louvre de Visconti e Lefuel; e a Biblioteca Nacional (1910), de responsabilidade do arquiteto Francisco Marcelino Souza Aguiar. (Figura 4) Reformas urbanas semelhantes sofreram as cidades de Belém e Manaus, enriquecidas pelo ciclo da borracha; São Paulo, com a produção e exportação do café; Salvador e Porto Alegre. Antes destas datas, seguindo a ideologia moderna e burguesa foi criada a nova capital mineira, Belo Horizonte, totalmente planejada e inaugurada em 1897, segundo a nova ciência das cidades, o urbanismo, e a nova arquitetura, o ecletismo.⁶



Figura 4: Nas imagens superiores, 1 e 2. O Teatro Municipal e seus ornamentos. Na imagem inferior à esquerda, 3: A Escola e Museu Nacional de Belas Artes. Na imagem inferior à direita, 4: A Biblioteca Nacional. **Fonte:** Fotos do autor, 2010.

Assim como o urbanismo e o ecletismo atingiram as grandes capitais dos países de periferia como o Brasil, a nova ciência e a moderna arquitetura alcançaram as cidades periféricas do território nacional, como os núcleos urbanos da fronteira meridional brasileira. Já na década de 1870, e até antes

⁶ Ibid. pp. 39 a 49.

desta, foram construídos prédios ecléticos nas localidades da campanha gaúcha. A Matriz de São Sebastião de Bagé foi concluída em 1862. (Figura 5) A Alfândega de Rio Grande foi erguida entre os anos de 1875 e 1879. (Figura 5) Em Pelotas, foram edificadas na década citada as residências do charqueador Felisberto Braga (1871 – Figura 6), de Cândida Dias (1875 – Figura 11), da Baronesa do Jarau (1876 – Figuras 7 e 11), de Maria Jacinta Dias de Campos (1876 – Figura 11), do Barão de Cacequi (1878 – Figura 9), do Barão de São Luis (1879 – Figura 8), entre outras. Em 1877, foi inaugurada a capela de São João Batista, na Santa Casa de Misericórdia. Em 1879, teve início a construção do prédio eclético da Intendência pelotense.



Figura 5: Na imagem à esquerda, 1: A Matriz de São Sebastião de Bagé. Na imagem à direita, 2: A Alfândega de Rio Grande. **Fonte:** Fotos do autor, 2007.

Na edificação dos prédios erguidos no período anterior à Lei Áurea, os canteiros de obras utilizaram a mão de obra escrava, sobretudo, nos meses de inverno, momento de entressafra das charqueadas.⁷ Por exemplo, a construção do pavimento térreo da Biblioteca Pública contou com doações da comunidade: tijolos, telhas, areia, argamassa, madeira e marcos de cantaria foram ofertados. Muitos senhores de escravos disponibilizaram as horas de trabalho dos cativos. No mês de março de 1878, Manoel Gonçalves Detroyat ofereceu “*um seu escravo oficial de pedreiro*”, para trabalhar durante seis meses no projetado edifício.⁸ As doações eram publicadas e cobradas através do jornal *Correio Mercantil*, cujo proprietário, Joaquim Dias, era também fundador da Biblioteca Pública Pelotense.

No artigo “Considerações sobre o ecletismo na Europa”, Luciano Patetta detectou “(...) *uma linha contínua em toda a trajetória da arquitetura burguesa (...)*” que se desenvolveu no Velho Mundo entre a metade do século XVIII e o final do XIX.⁹ Ou seja, o autor estabeleceu uma possível relação entre o neoclassicismo, o romantismo e o ecletismo. O que não quer dizer que a

⁷ GUTIERREZ, Ester. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Ed. Universitária, 1993. p. 229.

⁸ Importante donativo. **CORREIO MERCANTIL**. Pelotas, p. 1, 13 mar. 1878.

⁹ PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/USP, 1987. p. 14.

arquitetura praticada nesse período compusesse uma única corrente estilística, mas, se manifestaram nas três diferentes tendências arquitetônicas peculiaridades que *grosso modo* se assemelharam, já que os arquitetos neoclássicos, românticos e ecléticos buscaram inspiração em estilos pretéritos para a realização de seus projetos. Porém, os neoclássicos e românticos, antagônicos entre si, se voltaram para períodos bem definidos – os primeiros elegeram o classicismo da Antiguidade e da Renascença italiana, os segundos optaram pela arquitetura medieval – dessa maneira praticaram revivalismos. Os ecléticos deram asas à imaginação e se inspiraram em estilos de diferentes épocas e de civilizações distintas, praticando, assim, o historicismo.



Figura 6: Na imagem à esquerda, 1: A residência do charqueador Felisberto Braga, atual Clube Comercial. **Fonte:** Foto do autor, 2011. Na imagem à direita, 2: O pavimento térreo de Biblioteca Pública Pelotense. **Fonte:** NOBRE, Nelson. Acervo do Projeto Pelotas Memória.

Na arquitetura de Pelotas, o ecletismo historicista se desenvolveu entre os anos de 1870 e 1931 e, como na Europa, foi contemporâneo do urbanismo. Entre as datas citadas se consolidou o espaço urbano do município, com traçado “(...) *em retícula irregular heterogênea com quadrícula*”, que ordenou as ocupações já existentes e adaptou-se à demarcação e divisão geométrica da área, facilitando a comercialização dos lotes.¹⁰ De acordo com Gilberto Yunes, no Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XIX, os planos reticulados manifestaram a assimilação da modernização e permitiram que vários aspectos da estrutura urbana, como o abastecimento de água, saneamento, higiene, iluminação, alinhamentos e regularização dos lotes, fossem incorporados à administração do espaço público, sob o suporte viário. A implantação dos traçados reticulados, com ruas paralelas que se desenvolvem no sentido leste-oeste, cortadas por vias perpendiculares traçadas no sentido norte-sul, permitiu a insolação dos quarteirões que se formaram e dos edifícios edificadas. O sol matinal banha os limites periféricos dos quarteirões e as fachadas dos prédios voltados para o leste e para o norte. Durante a tarde o sol incide sobre as laterais das quadras e dos frontispícios voltados para o oeste e para o sul.

No interior dos quarteirões, os lotes se desenvolviam perpendicularmente às ruas, apresentavam largura variável – que acordava

¹⁰ YUNES, Gilberto Sarkis. **Cidades reticuladas:** a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1995. p. 53.

com o poder econômico dos compradores, na aquisição de dois ou vários lotes – e se estendiam em profundidade determinada pelas dimensões das quadras. As construções foram erguidas junto ao limite das vias públicas, com quintais nos fundos, perfiladas de maneira contínua junto aos alinhamentos periféricos dos quarteirões. Os lotes de esquina, por permitirem a construção de prédios que se destacavam dos demais por poderem explorar duas fachadas, foram disputados pelos ricos proprietários de construções residenciais e comerciais e, sobretudo, pelas casas bancárias.

Entre as datas de 1870 e 1931 foram implantados no espaço público pelotense os melhoramentos decorrentes da industrialização e do urbanismo – as canalizações de água (1875) e as redes de esgotos (1914), a iluminação pública e privada a gás (1875) e elétrica (1915), a pavimentação de ruas e de avenidas com o “systema Macadam” (1902),¹¹ com paralelepípedos de granito (1922), a arborização das praças (1877) e das artérias urbanas (1914) – assim como os meios de comunicação, como o telégrafo (1868) e o telefone (1888) e os transportes coletivos ou individuais, – urbanos e interurbanos – os bondes com tração animal (1873) e elétricos (1915) e os automóveis (1905) que, conseqüentemente, com seus equipamentos e necessidades, implicaram na reformulação das áreas coletivas e dos edifícios públicos ou privados.

A navegação marítima, fluvial e lacustre possibilitou as exportações do charque e de seus derivados e as importações dos novos materiais e técnicas empregados na obras de engenharia ou de arquitetura. A estrada de ferro, que ligou Rio Grande, Pelotas e Bagé no ano de 1884, favoreceu as exportações e as importações e ampliou a troca de mercadorias entre as três cidades. A proximidade da fronteira com os países platinos permitiu o traslado de diferentes construtores imigrantes estrangeiros, que para Pelotas se deslocaram em busca de melhores condições de trabalho. Foram esses imigrantes, sobretudo os italianos, que introduziram na região o ecletismo historicista. Durante o período estudado, no porto pelotense atracavam navios trazendo variadas máquinas, materiais construtivos e equipamentos urbanos, como, os chafarizes franceses e o reservatório escocês, fabricados em ferro fundido,¹² destinados à distribuição de água potável; os postes da iluminação pública, moldados com o mesmo material; as fiações do telégrafo ou do telefone e seus diferentes aparelhos; os trilhos e os bondes elétricos; os automóveis e os caminhões; as “britadoras” e as “locomotoras” utilizadas nas pavimentações com o macadame; as bombas e os tubos de ferro para as canalizações de esgoto.

Os navios também trouxeram, de variados pólos do mundo europeu, os elementos funcionais e ornamentais que foram agregados às caixas murais ou aos frontispícios dos palacetes ecléticos historicistas. As ferragens dos gradis dos muros e os portões dos prédios, os guarda-corpos em ferro fundido ou

¹¹ Sistema que utilizava pedras britadas e saibro na pavimentação das ruas, criado pelo escocês John McAdam e utilizado na pavimentação dos bulevares parisienses, quando da reforma urbana de Haussmann.

¹² XAVIER, Janaina Silva. **Chafarizes e Caixa D'Água de Pelotas**: elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871). Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, 2006. p. 120.

forjado das sacadas dos casarões, as marquises que protegem as portas principais das residências, das casas bancárias e dos teatros, as armações das lanternas em ferro e vidro que iluminaram as alcovas (Figura 7) e as estruturas em ferro e vidros coloridos que cobrem os vestíbulos e os jardins de inverno de muitas casas. Os estuques decorativos adoçados às fachadas dos edifícios, ou agregados às paredes interiores ou aos tetos das principais salas das moradias assobradadas. (Figura 7) As estátuas moldadas em cimento ou em cerâmica alouçada dispostas sobre as platibandas ou sobre os frontões das construções. (Figura 7) Todos esses elementos enriqueceram e deram imponência às edificações, atenderam ao interesse da classe dominante em exteriorizar as suas ideologias e o seu poder econômico.



Figura 7: Na imagem à esquerda, 1: Os ornamentos de estuque e a lanterna metálica com vidros coloridos da camarinha do sobrado do Barão de Butuí. Na imagem central, 2: A escultura de uma ninfa que representa a música, no sobrado do Visconde de Jaguaray. Na imagem à direita, 3: O para-vento com vidros coloridos, os degraus e os corrimãos de mármore e os azulejos importados do vestíbulo da residência da Baronesa do Jarau. **Fonte:** Fotos do autor, 2008.

Também concorreram para a suntuosidade dos prédios: os vidros coloridos das bandeiras das janelas; as grandes vidraças das portas-sacada, muitas vezes decoradas com ácido e apresentando guirlandas de flores, frisos e os monogramas dos proprietários; as portas de entrada esculpidas em madeira ou trabalhadas com almofadas; as aldrabas, as maçanetas e os porta-cartas de bronze. Nos *halls* de entrada: os para-ventos estruturados em madeira, com pinásios com desenhos geométricos ou florais, preenchidos com vidros coloridos; os degraus de mármore das escadarias de acesso aos interiores; as paredes decoradas com escaíolas e azulejos importados. (Figura 7)

Nos ambientes internos, as superfícies dos assoalhos, das paredes e dos forros eram pintadas, utilizando a técnica do *tromp l'oeil* compondo arranjos diversos: em listras ou em quadriculados, ou ainda, imitando lambris de madeira. Muitas das paredes das principais salas eram pintadas na técnica do estêncil, recebiam frisos e festões, brasões e medalhões que emolduravam figuras femininas e paisagens bucólicas, ramalhetes de flores e composições com frutas, muitas eram revestidas com papéis com decorações variadas, importados. Nestes ambientes, se distribuíam pinturas de retratos, de

paisagens e de naturezas mortas. Os assoalhos eram cobertos por ricos tapetes originados de diferentes regiões dos continentes europeu ou asiático. Pesados móveis de madeira compunham a decoração e sanefas e cortinas de brocado, veludo e renda davam a intimidade necessária aos diferentes cômodos. Objetos de porcelana chinesa, alemã ou francesa eram dispostos sobre as mesas e cristaleiras. Relógios de parede ou de mesa ritmavam a passagem do tempo. Lâmpadas, lustres de cristal e lamparinas com quebra-luzes de opalina, vidros translúcidos ou opacos iluminavam os cenários criados. Gramofones reproduziam óperas, concertos e canções populares.

Os anos compreendidos entre as datas de 1870 (final da guerra do Paraguai) e 1931 (final da República Velha e data da falência do Banco Pelotense) marcaram o apogeu econômico de Pelotas, que possibilitou através dos navios e dos trens, a introdução, a consolidação e o desenvolvimento do ecletismo historicista nos programas de composição das caixas murais dos prédios edificadas – públicos, semipúblicos e privados. Dois momentos distintos se definiram no ecletismo historicista pelotense: o primeiro, denominado de “**consolidação**” do estilo, foi erguido entre os anos de 1870 e 1889; o segundo determinado como de “**desenvolvimento**” dessa estética arquitetônica, ocupou o período de 1890 a 1931.

O período de consolidação do novo estilo arquitetônico se desenvolveu durante o regime imperial, quando se firmou na localidade uma sociedade latifundiária e escravista, enriquecida pela criação de gado e pela exploração e exportação de produtos originados da matança nas charqueadas. Ao lado de estancieiros e charqueadores, ascenderam agricultores, comerciantes, capitalistas e proprietários de manufaturas que, com os primeiros, formaram a elite da zona urbana. Enriquecidos economicamente, enobrecidos pelos títulos concedidos pelo imperador pelos feitos realizados, esses privilegiados se vincularam ao processo de construção da cidade.

O apoio prestado pelos proprietários de terras e de animais ao governo do Império foi retribuído muitas vezes com títulos nobiliários que receberam esses senhores. Durante a Guerra do Paraguai, empenhados nesta luta muitos fazendeiros engrossaram os exércitos com seus peões e escravos, ou contribuíram com cavalos para as tropas e com reses para a alimentação dos soldados. A aliança com o governo imperial concorreu para o surgimento de uma aristocracia formada, logicamente, pelos grandes proprietários de terras.

A arquitetura desse período revelou construções (Figura 8) com tendência à horizontalidade e fachadas com composições simétricas, ricamente ornamentadas com elementos de estuque, encimadas por platibandas e coroadas com pinhas, compoteiras e esculturas de gosto clássico. Os frontispícios dos palacetes assobradados se dividiam em três partes verticalmente: o porão alto, a fachada propriamente dita e o coroamento feito pelas platibandas. Os altos porões não só permitiam a ventilação dos assoalhos através dos diferentes óculos, como também davam imponência aos prédios edificadas, enriquecidos com rusticações, pórticos e escadarias de mármore e corrimãos trabalhados em ferro fundido. As platibandas esconderam as calhas de escoamento das águas pluviais e eliminaram os

antigos beirais dos telhados. No sentido horizontal, se mantinha a divisão tripartida das fachadas, ressaltada por um módulo central saliente ou reentrante em relação aos laterais, reforçada pelas pilastras que determinavam as três diferentes seções e pelo frontão que arrematava o módulo central. As construções arquitetônicas materializaram a riqueza, o poder e a cultura que os grandes senhores buscavam ostentar, traduzidos nas ornamentações das fachadas dos prédios erguidos e nos requintes decorativos dos interiores. Dessa maneira, os proprietários exibiam a sua superioridade sobre as camadas sociais menos privilegiadas e rivalizavam entre si na execução de edifícios cada vez mais imponentes.



Figura 8: Nas duas imagens, a composição tripartida da fachada da residência do Barão de São Luis.
Fonte: Fotos do autor, 2011.

As dimensões das construções edificadas, que muitas vezes alcançaram grandiosidade e imponência, resultaram em sólidos edifícios de influência italiana onde se equilibram os cheios e os vazados. Essas peculiaridades satisfaziam os anseios da classe dominante em externar a segurança e a solidez de seu privilégio econômico. A complexidade das ornamentações materializou o interesse da elite em evidenciar sua ascensão cultural, na utilização de estilemas clássicos – as diferentes ordens arquitetônicas da Antiguidade e as escaiolas que imitam o mármore. Uma grande diversidade de signos da mitologia greco-romana – as ninfas, as musas e as cariátides, os deuses, os atlantes e os *putti* –, cristalizou a relação da classe privilegiada com o mundo europeu industrializado. Esses diferentes ornamentos, até então inexistentes nos edifícios residenciais da cidade, caracterizaram a arquitetura moderna que se consolidava na localidade.

Por um lado, a demanda construtiva estimulou a criação e o desenvolvimento de firmas especializadas na produção e reprodução dos ornamentos utilizados, que buscavam imitar aqueles importados, tanto nas formas desses elementos como nas técnicas exploradas, o que deve ter barateado os custos das decorações externas e internas dos edifícios. Por outro, os construtores apressaram-se em criar projetos de composições de fachadas ordenados em catálogos, que incluíam os ornatos estrangeiros ou regionais, buscando atrair o interesse dos possíveis e futuros proprietários e garantindo os lucros através da execução dos trabalhos.

Erguidas junto aos alinhamentos frontais dos lotes de terreno, nas esquinas dos quarteirões ou no meio das quadras, grande parte das residências utilizou vazios centrais ou laterais – fechados por muros de alvenaria e gradis com portões de ferro. Estes vazios foram organizados em jardins ou corredores de serviços e propiciaram a ventilação e aeração dos ambientes interiores. Os deslocamentos iniciais das construções em relação aos limites laterais dos lotes traduziram a postura de construtores e de arquitetos na conquista e incorporação do espaço externo à arquitetura residencial e determinaram a extinção das antigas alcovas do período colonial.¹³



Figura 9: Nas quatro imagens: Os dois diferentes módulos e os vazios ajardinados da casa assobradada do Barão de Cacequi. **Fonte:** Fotos do autor, 1997.

A residência do Barão de Cacequi, localizada em esquina de quarteirão, utilizou dois diferentes espaçamentos. (Figura 9) Um deles guardou distância em relação à casa vizinha, o outro dividiu a construção em dois diferentes blocos. O primeiro módulo ocupa a esquina da quadra, onde interiormente se desenvolvia a área social e íntima da residência e recebeu maior número de ornamentações. O segundo módulo abrigava a área de serviços e possui

¹³ REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 48.

decoreção simples. Nesse módulo, grandes portões de madeira davam entrada para as cocheiras e eram também utilizados para os serviços domésticos, a circulação de escravos e a retirada das águas servidas e materiais fecais. Isto ocorreu até o ano de 1914, quando foram implantados os esgotos e as residências tiveram os interiores reformados para receber essa modernização.



Figura 10: Na imagem à esquerda, 1: O palacete do Senador Joaquim Augusto de Assumpção Junior. Na imagem à direita, 2: O casarão da Baronesa do Jarau. **Fonte:** Fotos do autor, 2007.

Quando edificados nas esquinas, os prédios apresentam dois segmentos de fachada. Nesse caso, na maioria das vezes, um deles era escolhido como principal – geralmente aquele voltado para a via mais movimentada – e recebia maior número de ornamentos. Outros projetos levavam em conta as duas fachadas, organizadas de maneira a compor uma visão em perspectiva do prédio, cujo eixo de simetria coincidia com a esquina. Exemplificam essas duas peculiaridades os palacetes do Barão de Cacequi (Figura 9) e do Senador Joaquim Augusto de Assumpção Junior. (Figura 10) Quando as portas de entrada das residências de porão alto se localizam junto às calçadas, a altura das mesmas se eleva até o nível das vergas das janelas ou das portas-sacada situadas no corpo sobre o porão. Essa solução buscou harmonizar a composição das aberturas e de seus ornamentos, resultando em portas com grandes dimensões trabalhadas ou esculpidas em madeira. As moradias do Senador Joaquim Augusto de Assumpção Junior e da Baronesa do Jarau são exemplos dessa regra compositiva. (Figura 10)



Figura 11: Na imagem à esquerda, 1: A residência de Cândida Dias. Na imagem à direita, 2: O casarão assobradado da viúva Maria Jacinta Dias de Campos. **Fonte:** Fotos do autor, 2007.

Quando o número de vãos das fachadas é ímpar, com mais de três aberturas, há uma coincidência entre a porta principal, o eixo de simetria e o frontão, que se observa nos frontispícios dos casarões do Barão de São Luis (Figura 8), da Baronesa do Jarau (Figura 10) e da viúva Maria Jacinta Dias de Campos. (Figura 11) Um segundo esquema se desenvolveu em fachadas com

número de aberturas pares, quando uma das janelas compõe com a porta principal uma unidade central, que se destaca do restante da fachada através da utilização de pilastras que a limitam e do frontão que a arremata. O eixo de simetria, neste caso, se situa entre a porta e a janela principal. Essa norma é visível no frontispício da residência de Cândida Dias. (Figura 11)

As fachadas eram pintadas com tintas à base de cal que recebiam pigmentos coloridos. Eram usadas cores pastéis, do azul aos verdes, do rosa ao salmão, do amarelo aos tons de ocre. Os ornamentos de estuque eram pintados em branco ou creme e se destacavam das áreas coloridas.¹⁴ Ao aspecto frágil dos estuques respondia a impressão resistente das paredes, intensificado pelo jogo cromático. Os socos muitas vezes eram pintados em cores mais escuras que o restante das paredes, o que preservava a pintura das manchas dos respingos das chuvas ao cair nas calçadas. Algumas vezes o colorido era invertido, ou seja, as paredes eram pintadas em cores claras e os relevos explorados em tons escuros, mas esse procedimento não era o comumente utilizado. As aberturas de madeira eram envernizadas ou pintadas com tintas coloridas e muitas delas recebiam cores escuras. Nos sobrados as portas e janelas tinham tratamento cromático diferenciado: geralmente recebiam cores escuras no térreo e tons claros no pavimento superior. Os gradis das sacadas eram pintados tanto em cores claras como em tons escuros.

O segundo momento de desenvolvimento do estilo eclético historicista na arquitetura da cidade (1890-1931), iniciou com a Abolição da Escravatura e se desenvolveu durante a Velha República, contando com a mão de obra remunerada. Nesse período, apareceram os primeiros automóveis importados e mais tardiamente os aviões. Foram instaladas as redes de esgotos. A iluminação elétrica trouxe novas transformações à cidade: surgiram os bondes movidos à eletricidade, o cinema e o rádio. Foram criadas indústrias, que concorreram para o nascimento de novas classes sociais. A primeira, formada pelos industriais, se misturou à elite existente e com ela disputou os espaços social e geográfico da área urbana. A segunda, o operariado, socialmente marginalizado, foi excluído para os bairros periféricos. Entre elas, formou-se uma classe média, dividida em várias profissões, dos caixeiros-viajantes aos comerciantes, funcionários públicos, contadores e bancários, professores e jornalistas, que se distribuiu no entorno do bairro central.

No Rio Grande do Sul, a instauração da República desencadeou na Revolução Federalista. Em 1893, a guerra civil se propagou pela zona da campanha entre adeptos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e filiados do Partido Federalista, que almejavam assumir o poder no estado. A revolução só acabou em 1895, com a instalação da Assembleia de Representantes pelo então presidente da Província, Júlio de Castilhos. Os republicanos saíram vitoriosos do conflito, mas a classe dominante de

¹⁴ NAUMOVA, Natalia. **Definição das cores do ambiente urbano no centro histórico de Pelotas, RS.** Primeira Etapa. (Relatório de pesquisa). Núcleo de Estudos de arquitetura Brasileira. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel e FAPERGS, 2002.

pecuaristas restou dividida, marcada por rancores e ódios entre vencedores e vencidos.¹⁵

Com um governo autoritário, fundamentado no positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense se manteve no poder por mais três décadas, numa sucessão de mandatos nos quais não foram poucos os incidentes reveladores da cooptação dos eleitores, da intimidação dos opositores e da fraude eleitoral. Com o término do mandato de Júlio de Castilhos, no mês de janeiro de 1898, alcançou a presidência Borges de Medeiros, que se sustentou no cargo até o ano de 1908. Nessa data, foi eleito Carlos Barbosa Gonçalves, chefe político do PRR da cidade de Jaguarão. Em 1913, assumiu novamente a presidência da Província Borges de Medeiros, conservando o domínio do partido até 1928. Nessa data, com a eleição de Getúlio Vargas, iniciou-se uma postura conciliatória com os grupos de oposição.¹⁶

Na arquitetura edificada no período de desenvolvimento do ecletismo, as fachadas tripartidas perderam o equilíbrio simétrico e as esculturas clássicas que ornavam as platibandas na fase anterior, foram substituídas por alegorias que louvavam a República, sobretudo nos projetos edificados para aqueles que militavam pelo Partido Republicano Rio-Grandense. Na obra “Modernidade e tradição clássica”, sinalizou Alan Colquhoun que o estilo eclético contagiou-se pelo passado e revelou a consciência de um ciclo histórico que evolui no tempo. A estética eclética também abarcou a possibilidade dos estilemas pretéritos insinuarem ideologias.¹⁷ Nesse segundo período, surgiram as vilas residenciais urbanas e as vilas operárias.

Com a abolição do trabalho escravo, a mão de obra dos imigrantes estrangeiros se somou aos serviços dos cativos alforriados nos canteiros de obras. Novos materiais e novas técnicas continuaram chegando através do porto e da estação férrea. Empregadas nas construções, as novas técnicas e materiais, bem como a mão de obra especializada concorreram para a evolução do ecletismo historicista na arquitetura edificada. Com a Proclamação da República, a ornamentação clássica das fachadas somou elementos do positivismo e do novo regime de governo, ideologias às quais se engajaram as classes dominantes rio-grandenses. Essas transformações implicaram em uma nova concepção arquitetônica, que apresentou permanências e rupturas com o período de consolidação do estilo, constituindo o segundo momento de “desenvolvimento” da linguagem eclética na arquitetura da cidade, manifestado entre os anos de 1890 e 1931.

O casarão assobradado que serviu de residência à família do Capitão Antonio Rodrigues Ribas (Figura 12), construído entre os anos de 1907 e 1908,¹⁸ é exemplo de permanências e rupturas que se manifestaram no período de desenvolvimento do ecletismo historicista pelotense. Os elementos

¹⁵ TRINADADE, Hélio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano Rio-Grandense (1882-1937). In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius. **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 126.

¹⁶ *Ibid.* pp. 154 a 167.

¹⁷ COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 27.

¹⁸ SANTOS. *Op. cit.* p. 194.

funcionais e ornamentais do programa fachadístico repetem a influência italiana que caracterizou o momento de consolidação do ecletismo em Pelotas: o porão alto com suas rusticações; as falsas colunas com capitéis clássicos; os arcos romanos do vestíbulo; os frontões; a platibanda que esconde o telhado e as canalizações do escoamento pluvial. Porém, a escadaria de acesso e o vestíbulo avarandado, na lateral da caixa mural, romperam com a simetria praticada entre os anos de 1870 e 1889. Ao mesmo tempo, como o palacete foi erguido em grande terreno afastado do centro da cidade, voltado para a principal via de acesso ao porto, a construção está bastante recuada dos limites laterais do lote. Esses espaços foram ocupados por jardins, pomares e hortaliças, e evidenciam a preocupação do construtor com a iluminação e a aeração dos ambientes interiores.



Figura 12: Na imagem à esquerda, 1: A residência do Capitão Antonio Rodrigues Ribas. Na imagem à direita, 2: A Vila Augusta, do industrial Carlos Ritter. **Fonte:** Fotos do autor, 2011 e 2007.

As vilas residenciais urbanas romperam com as características do período de consolidação do ecletismo historicista pelotense, foram encomendadas pelos industriais proprietários das recentes fábricas instaladas no entorno da cidade. Normalmente, as vilas se constituíram em sobrados, cujos pavimentos térreos eram divididos em áreas sociais e de serviços. Os andares superiores eram distribuídos em quartos de dormir e banheiros. Construídas no centro de lotes ajardinados, as vilas residenciais apresentam quatro diferentes fachadas voltadas para os jardins. Aquelas que dão para as áreas de serviços são menos ornamentadas. As fachadas restantes revelam soluções decorativas distintas, que abandonaram as composições tripartidas e a simetria das casas assobradadas. Como as áreas nobres da cidade – o entorno da praça central e as principais ruas – estavam ocupadas por casas comerciais, edifícios públicos, palacetes assobradados ou prédios mais antigos, as vilas residenciais foram construídas em terrenos afastados do núcleo central urbano, o que favoreceu a compra de grandes lotes em áreas com menor densidade de casas pelos industriais. Dessa maneira, a classe burguesa ascendente se tornou proprietária de parcelas de terras que rapidamente foram valorizadas.¹⁹ Os terrenos ajardinados se constituíram em mais um requinte das construções residenciais, articulados com as ideias de

¹⁹ SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. La construcción social de la forma urbana: La ciudad de Pelotas (Brasil) em la transición de los siglos XIX y XX. In: **Scripta Nova** - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 10, nº 218. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/nova.htm>>. Acesso em: 11 outubro 2006.

salubridade da urbe através da arborização das ruas e dos jardins coletivos ou privados.

As fachadas dos edifícios ostentaram elementos peculiares às terras de origem desses proprietários e ampliaram o historicismo eclético pelotense, mesclando tendências italianas, inglesas e germânicas. A construção da Vila Augusta, erguida para residência do industrial Carlos Ritter (Figura 12), de origem alemã e proprietário da Cervejaria Ritter, remete aos prédios maneiristas italianos. O patamar que circunda o sobrado é delimitado por balcão com balaústres, ao qual responde a platibanda. No módulo central da fachada tripartida e simétrica, um pórtico com escadaria é sustentado por colunas *palladianas* e coroado por frontão. Apaixonado por botânica, Carlos Ritter organizou um grande jardim no terreno fronteiro à edificação. Durante os verões, esse espaço verde era aberto ao público, para as sociabilidades e prazer dos visitantes.²⁰



Figura 13: Nas duas imagens: A Vila Eulália, residência do administrador do Frigorífico Anglo. **Fonte:** Fotos do autor, 2007.

O romantismo inglês particulariza a Vila Eulália, encomendada para moradia do administrador do Frigorífico Anglo em Pelotas, ao arquiteto Theóphilo Borges de Barros,²¹ que também assinou o projeto do Grande Hotel. O teto aquilino tem beirais salientes e calhas metálicas que se estendem pelas superfícies das paredes às canalizações de esgotamento das águas pluviais. Os beirais são suportados por cachorros de madeira, caprichosamente trabalhados em curvas e volutas.

Peculiaridades germânicas se manifestaram na Vila Laura (Figura 14), edificada para residência do alemão Frederico Carlos Lang, proprietário da Fábrica Lang, que produzia sabão, velas e sabonetes, como também em outras vilas residenciais (Figura 15): os corpos salientes que abrigam as janelas, as *bay windows*; os torreões erguidos nos ângulos das caixas murais; o emprego de madeira aparente na superfície das paredes – técnica característica do período gótico, sobretudo na difusão do estilo na Europa setentrional e central –, ou da imitação da mesma utilizando relevos de estuque; os telhados

²⁰ ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização:** a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Universitária, 2000. p. 98.

²¹ WEIMER, Günter. **Arquitetos e construtores do Rio Grande do Sul.** Santa Maria: Ed. UFSM, 2004. p. 29.

cobertos com telhas francesas – pontiagudos e recortados em múltiplas águas –, que também remetiam à mecanização e à civilização desenvolvida europeia.²²



Figura 14: Nas duas imagens: A Vila Laura, residência de Frederico Carlos Lang, proprietário da Fábrica Lang. **Fonte:** Fotos do autor, 2007.

Na simplicidade que exhibe, determinada por restrições econômicas, a vila operária erguida em um beco sem saída rasgado em lote de meio de quadra fronteiro a Praça Cypriano Barcellos, as fachadas das casas em fita, de porta e janela, apresentam altos porões, cornijas e platibandas cegas. Um muro de alvenaria com grades e portão de ferro separava a rua habitacional da via principal. (Figura 15)



Ilustração 15: Na imagem à esquerda, 1: Vila residencial edificada na avenida Domingos de Almeida. Na imagem à direita, 2: Vila operária erguida em lote rasgado em quarteirão fronteiro a praça Cypriano Barcellos. **Fonte:** Fotos do autor, 2007.

O historicismo eclético foi empregado nas edificações comerciais (Figura 17) e nos prédios com fins culturais: os clubes, os teatros (Figura 16), os cinemas e as escolas (Figura 16). A maior parte destes edifícios não apresenta porão alto, facilitando o acesso aos fregueses, aos frequentadores e aos alunos desses estabelecimentos, como também o transporte de mercadorias, cenários e aparelhos diversos.

²² REIS FILHO. Op. cit. p. 160.

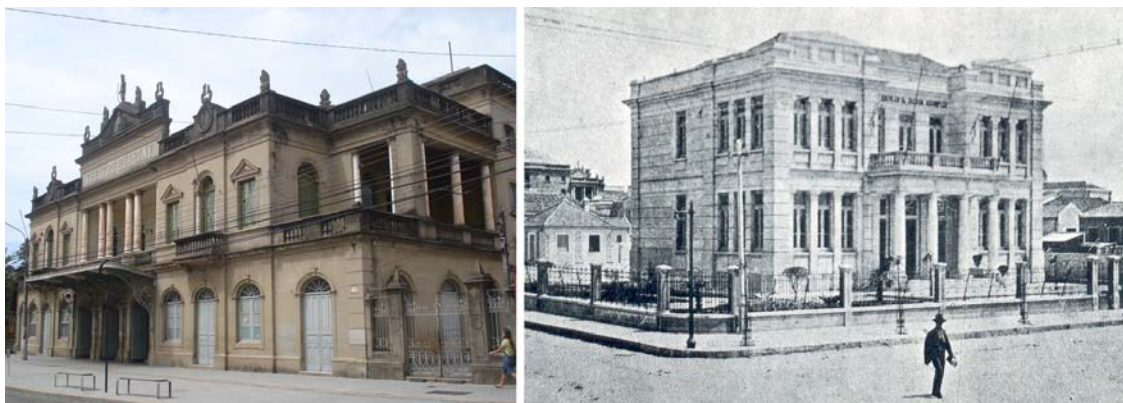


Figura 16: Na imagem à esquerda, 1: Cine Teatro Guarani. **Fonte:** Foto do autor, 2011. Na imagem à direita, 2: Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção. **Fonte:** NOBRE, Nelson. Projeto Pelotas Memória.

As lojas, com um ou dois pavimentos, passaram a ostentar amplas vitrines inseridas em armações metálicas que compunham os frontispícios, protegidas com toldos de lona, com “grades de gaita”²³ ou com cortinas também metálicas, onde eram exibidas as últimas novidades da moda feminina, masculina ou infantil. (Figura 17)



Figura 17: Os programas de fachada com elementos de ferro. Na imagem à esquerda, 1: O frontispício da importadora Velocino Torres. **Fonte:** NOBRE, Nelson. Acervo Projeto Pelotas Memória. Na outras imagens, 2 e 3: A antiga Casa Americana. **Fonte:** Foto do autor, 2007.

As casas bancárias assimilaram a influência francesa visível nas sedes do antigo Banco do Brasil ou do Banco Pelotense, como também no Grande Hotel. (Figura 18) Erguidos em cimento armado nas esquinas dos quarteirões, esses prédios adotaram a solução dos edifícios *hausmannianos* de Paris, com dois segmentos de fachada que convergem para os torreões cilíndricos ou chanfrados que abrigam os pórticos de entrada aos ambientes interiores, arrematados com cúpulas de cobre ou de ferro fundido.

No Banco Pelotense e no Banco do Brasil, sobre os tetos aquilinos dos edifícios se distribuem mansardas que iluminam o sótão. As três construções apresentam porão alto, o que contribuiu para a aparência majestosa das edificações almejada pelas três diferentes firmas. O soco entalhado em pedras de granito na antiga sede do Banco do Brasil ancorava a construção sobre o chão e comunicava a ideia de solidez e segurança dos serviços prestados pela companhia de crédito. No espaço do subsolo do Banco Pelotense foram

²³ Construções de ferro. **DIÁRIO POPULAR**. Pelotas, p. 3, 21 mar. 1925.

instalados os cofres da empresa. O porão alto do Grande Hotel abrigou os serviços necessários ao atendimento dos hóspedes: lavanderia, adega e depósitos.



Figura 18: Na imagem à esquerda, 1: O prédio original do Banco do Brasil. Na imagem central, 2: A antiga sede do Banco Pelotense. Na imagem à esquerda, 3: O edifício do Grande Hotel. **Fonte:** Fotos do autor, 1997 e 2010.

Conclusão:

O ecletismo historicista se desenvolveu nas caixas murais dos edifícios privados, públicos e semipúblicos de Pelotas, na arquitetura residencial, comercial, administrativa, institucional e fabril. Criou-se um imaginário arquitetônico nas construções erguidas pela classe dominante, que foi copiado nas edificações realizadas para aqueles não tão privilegiados economicamente e nas vilas operárias. Na obra “Aprendendo com Las Vegas”, Robert Venturi dissertou sobre a quantidade de símbolos que dominam o espaço urbano da cidade e se repetem nas fachadas dos cassinos e dos hotéis, que apelam à atenção e ao consumo dos visitantes com a arquitetura artificiosa de pirâmides e esfinges, pórticos de templos greco-romanos, aos quais se somaram colunatas e esculturas clássicas, fontes barrocas e elementos orientais, os *outdoors* e os letreiros dos luminosos executados em grande escala. As informações se intensificam à noite, através da iluminação e dos neons, cuja movimentação é maior ajustando-se às velocidades dos veículos, aos impactos maiores permitidos pela tecnologia.²⁴ Como em Las Vegas, o ecletismo historicista edificado em Pelotas entre as datas de 1870 e 1931, por meio da iconografia explorada nas caixas murais e nos interiores dos prédios, respondeu ao interesse da população da cidade em exibir uma maneira de viver idealizada nos princípios da modernidade e da dinamicidade da *belle époque*, transpostos através do oceano Atlântico para o Novo Mundo.

²⁴ VENTURI, Robert. **Aprendendo com Las Vegas**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 151.

Bibliografia e fontes consultadas:

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Universitária, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ÉPRON, Jean-Pierre. **Comprendre l'eclectisme**. Paris: Édition Norma, 1997.

DACANAL, José; GONZAGA, Sergius. **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/USP, 1987.

GUTIERREZ, Ester. **Negros, charqueadas e olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. Universitária, 1993.

LOYER, François. **Le siècle de l'industrie: 1789-1914**. Paris: Skira, 1983.

NAUMOVA, Natalia. **Definição das cores do ambiente urbano no centro histórico de Pelotas, RS**. Primeira Etapa. (Relatório de pesquisa). Núcleo de Estudos de arquitetura Brasileira. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel e FAPERGS, 2002.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, 2007.

Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 10, nº 218. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/nova.htm>>. Acesso em: 11 outubro 2006.

XAVIER, Janaina Silva. **Chafarizes e Caixa D'Água de Pelotas**: elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871). Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, 2006.

VENTURI, Robert. **Aprendendo com Las Vegas**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

WEIMER, Günter. **Arquitetos e construtores do Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004.

YUNES, Gilberto Sarkis. **Cidades reticuladas**: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1995.

Fontes de pesquisa:

CORREIO MERCANTIL. Pelotas, período de 1870 a 1890.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas, período de 1890 a 1931.

NOBRE, Nelson. **Projeto Pelotas Memória**.